

PATRÍCIA APARECIDA BIOTO – PUC/SP

O COMENIANO CHARLES HOOLE E SUA PROPOSTA PARA A REFORMA DAS ESCOLAS DE GRAMÁTICA INGLESAS NO SÉCULO XVII

Este texto aborda a obra de Charles Hoole, *A New Discovery of the Old Art of Teaching Schoole, in four small Treatises*. O autor a elaborou em meio ao movimento reformador dos métodos de ensino das línguas na Inglaterra, para o qual foi fundamental a inovação metodológica proposta por Comenius em *Janua Linguarum Reserata* e em *Orbis sensualium pictus*.

O objetivo do texto é apresentar a obra e o pensamento de Charles Hoole, estabelecendo sua ligação com outros importantes pedagogos e tratadistas da educação do século XVII, sendo o principal deles, Comenius. Desse modo, pretende-se deixar claro o pertencimento e o papel desempenhado por Hoole no processo de configuração dos padrões pedagógicos modernos, especificamente quanto a base didática para o ensino das línguas.

O trabalho de pesquisa consistiu fundamentalmente da leitura e análise das obras. A fonte principal desta pesquisa foi a obra *A New Discovery of the Old Art of Teaching Schoole, in four small Treatises*, de Charles Hoole, na republicação inglesa feita por E. T. Campagnac em 1913. Outra fonte primária foi ainda usada neste trabalho: *Orbis sensualium pictus*, de Comenius. O estudo de *Janua Linguarum Reserata* foi feito partindo de fontes secundárias.

Recorreu-se também às obras de apoio diretamente referidas às fontes principais.

Para a versão em português dos textos de Hoole e Comenius foi feita uma tradução livre. Não feita a transcrição dos trechos em nota de fim. Sugere-se, em caso de não ser possível acessar as fontes primárias, consultar Bioto (2006) para conferir os trechos em sua língua original.

A reforma no método de ensino de línguas: as idéias comenianas

Desde o século XVI, o método de ensino usado nas escolas de gramática inglesas seguia as determinações da gramática latina de William Lily (1648-1522), a *Lily's Latin Grammar* (1515). O livro era composto de duas partes, que marcavam os níveis de aprendizagem da gramática latina. A primeira parte, intitulada *Accidence*, definia a morfologia da língua latina, e tinha como objetivo a identificação e análise das partes de um discurso, com especial atenção à declinação dos nomes e à conjugação verbal. A segunda parte continha a *Grammar* ou *Syntax*, tratando dos mecanismos relativos à construção de proposições.

Mas, nos escritos educacionais ingleses sobre a educação, de fins do século XVI aos decênios centrais do século XVII, Skinner (1999) e Cagnolati (2002) localizaram uma insatisfação generalizada frente aos anos excessivos que os alunos passavam aprendendo apenas o latim e o grego. A lentidão no ensino, segundo os teóricos ingleses, era causada pelo método então utilizado para o ensino de línguas.

Cagnolati faz referência “à notável quantidade de lamentações e comentários negativos que afluíam aqui e acolá nos escritos de intelectuais, docentes e

teólogos” (2002, p. 25). Segundo Cagnolati, John Milton (1608-1674) em seu tratado *Of Education* (1640) afirma que, primeiramente, gastava-se um tempo excessivamente longo com o aprendizado do latim e do grego: sete ou oito anos. Esse tempo gasto, porém, não era bem aproveitado, pois não produzia o aprendizado do perfeito padrão desses idiomas, que garantia o acesso às autoridades.

De acordo com Cagnolati (2002, p. 32), foi no pensamento comeniano, elaborado em *Janua Linguarum Reserata* (1631) e em *Orbis sensualium pictus* (1658), que os teóricos educacionais ingleses buscaram a base didática para a reforma do método de ensino das línguas.

Até as primeiras edições de *Janua Linguarum Reserata*, Comenius era desconhecido na Inglaterra. Editada em 1631, a obra foi traduzida imediatamente para o inglês por John Anchoran, com o título de *Porta Linguarum*. Trazia o texto em três colunas: inglês, latim e francês. Anos mais tarde, Thomas Home fez outra tradução, preservando o título e a apresentação em duas colunas: latim e vernáculo (inglês, no caso).

Janua Linguarum Reserata teve numerosas edições que deram notoriedade a Comenius nos meios intelectuais. Nela, Comenius propunha um método para o ensino do latim, que privilegia o aprendizado da língua fundado na relação palavra-coisa, com a explícita finalidade de formar no estudante a imagem mais concreta do mundo. Comenius colocava-se, assim, contra os métodos de ensino de línguas que partiam do aprendizado da estrutura gramatical e dos artifícios retóricos, como a *Lily's Latin Grammar*, sem fazer referência aos objetos sensíveis que as palavras representam. Propunha, ainda, que o aprendizado do latim deveria se dar *pari passu* ao do vernáculo.

Em 1633, Comenius fez os primeiros contatos com Samuel Hartlib, um exilado polonês que vivia na Inglaterra. Deve-se lembrar que, em 1628, Comenius havia sido exilado na Polônia. A convite de Hartlib, em 1641 Comenius visitou a Inglaterra, para apresentar ao Parlamento suas idéias de reforma do método de ensino das línguas.

Na ocasião, foi convidado a participar da implantação do *Collegium Lucis*, uma academia na qual se cultivaria o saber universal. Mas o projeto não foi levado adiante por Comenius. Por conta dos levantes dos parlamentaristas contra Carlos I, Comenius retirou-se da Inglaterra, já em 1642. O *Collegium Lucis* veio a ser, mais tarde, a *Royal Academy* (Cf. Collins, 1998, p. 529).

Seguindo o projeto de reforma nos métodos de ensino das línguas iniciado com a *Janua*, Comenius escreveu a *Orbis sensualium pictus*, entre 1651 e 1654, publicada pela primeira vez em 1658.¹ Já em 1659 a *Orbis* ganhou sua primeira tradução para o inglês, feita por Charles Hoole (1610-1667).

¹ A preocupação de Comenius com o ensino das línguas, não apenas em seu caráter metodológico, já vinha da tradição husita. Educado nos colégios da União dos Irmãos Boêmios, seguidores de Hus, Comenius trabalhou pela edificação e difusão do vernáculo, o checo, nesse caso, como forma de construção e fortalecimento da identidade nacional.

A *Orbis* é uma pequena enciclopédia ilustrada do conhecimento, para ser usada na iniciação das crianças nos fundamentos do saber e das línguas. Possui, ao todo, 152 capítulos e 150 imagens, sendo cada imagem acompanhada de um pequeno texto que dispõe em palavras o que ela expressa. O texto é apresentado em duas línguas: latim e alemão, nas duas primeiras edições.

No prefácio da *Orbis*, Comenius indica como usar o livro: 1. Dar aos meninos (em casa) as figuras, para que se divirtam e se familiarizem ; 2. Na escola, nomearão tudo o que viram; 3. Mostrar o que nomeiam não só em uma imagem, mas em sua realidade, razão pela qual as escolas devem possuir coisas que o menino não encontra em casa (se algo não estiver representado, mostre-o na realidade; 4. Deixa-los desenhar, o que afina a atenção às coisas e faz com que se distingam as proporções.

As idéias e as obras de Comenius formaram na Inglaterra duas gerações de teóricos educacionais designados por Cagnolati (2002) como “comenianos”. A motivação desses mestres diante da didática comeniana advinha da necessidade de acelerar o tempo de aprendizagem, segundo a linha prática educativa de Comenius, válida e sustentada, particularmente no âmbito lingüístico, na relação entre as coisas e as palavras (Cf. Cagnolati, 2002, p. 36).²

Além disso, as idéias de Comenius respondiam às necessidades de reforma do método de ensino das línguas na Inglaterra, não só porque ofereciam um caminho correto e eficaz, mas também porque preparavam o aprendizado do latim, paralelamente ao do vernáculo. O vernáculo aparecia como peça principal de expressão de identidade e autonomia nacionais.

A atuação de Charles Hoole

Dentre os comenianos destacou-se a figura de Charles Hoole. A obra mais importante de Hoole foi *A New Discovery of the Old Art of Teaching Schoole, in four small Treatises* (1660).

Em *A New Discovery*, Hoole expõe o “método e a ordem” (Cf. 1913, p. xiii) que concernem à arte de ensinar. Seu objetivo é contribuir para que o trabalho dos professores de gramática se torne menos fastidioso e desgastante. Hoole anunciou que as “novas descobertas da nova arte de ensinar” garantiriam a aquisição pelas crianças em seus anos escolares iniciais de uma correta e eficaz base gramatical.

A New Discovery é composta por quatro tratados: (1) *A petty-schoole*, demonstrando o modo de ensinar as crianças pequenas a ler em inglês com delícia e facilidade (especialmente) de acordo com o novo primário; (2) Os deveres dos professores assistentes ou a “plataforma para ensinar gramática”; (3) O método dos mestres, ou exercitando os alunos nas gramáticas, autores e exercícios de grego, latim e hebreu; (4) A disciplina escolar ou o modo de organizar uma escola de gramática, orientando os inexperientes para dirigir todos os alunos sem confusão.

² Samuel Hartlib (1600-1662), John Dury (1596-1680) e Hezekiah Woodward (1590-1675), fizeram parte da primeira geração de comenianos. Charles Hoole, Batshua Makin (1600-167?), e Mark Lewis (?), formaram a “segunda geração de comenianos” na Inglaterra.

O currículo proposto por Hoole não diferia do currículo adotado nas escolas de gramática inglesas desde o século XVI. Da mesma forma, havia um consenso sobre a função social dessas escolas.(Cf. Skinner, p. 41) ³.

Para importantes teóricos educacionais ingleses, como Thomas Elyot (1490-1546), que escreveu *The Book Named the Governor* (1531), Roger Ascham (1515-1568), autor de *The Schoolemaster* (1570), Richard Mulcaster (1530-1611), autor de *Positions* (1581), Edmundo Coote (1562-1610), autor de *The English Schoolemaster* (1596), e William Kempe (1560-1603), autor de *Education of Children in Learning* (1588), a meta suprema da educação era o domínio dos estudos liberais: gramática (latina e grega), retórica, poesia, história e filosofia moral (Cf. Skinner, 1999, pp. 42-43).

O domínio dos estudos liberais era requisito para a entrada nas Universidades. Na Inglaterra, as Universidades continuavam a dar ensino literário, oferecido, também, nos anos terminais dos colégios (Cf. Delumeau, 1994, vol. II, p.173), além dos cursos de Direito, Medicina e Teologia. De resto, a formação oferecida nas escolas de gramática servia para dar cultura literária à população que não ingressava nas Universidades (Cf. Verger, 1999, p. 80).

A formação advinda desse currículo tinha um propósito de caráter cívico e político (Cf. Skinner, 1999, p. 102). Grafton e Jardine (1986, p. 219) salientam que o valor atribuído ao currículo numa dada sociedade está relacionado diretamente aos objetivos estabelecidos pela comunidade. O que se assistiu na Inglaterra dos séculos XVI-XVII, segundo os autores, foi a valorização da formação generalista dada pelas artes liberais, que preparava uma minoria da população para falar em nome da comunidade e para governar, como Cícero já havia estabelecido (Cf. p. 220).

O fim último dos estudos liberais era a formação do perfeito cidadão, tal como enunciado pelos retóricos romanos, na figura do *vir civilis* ou *bonus civis*. Na Inglaterra dos séculos XVI e XVII, o perfeito cidadão deveria ser obediente e útil ao Estado. O Estado inglês, nesse período, mais do que estar representado “por”, estava encarnado “na” figura do Rei. Quando em 1531 Henrique VIII rompeu com a autoridade do Papa, o chefe do estado inglês passou a ser, também, o chefe da Igreja no reino. (Cf. Kantorowicz, 1998). O currículo das escolas de gramática preparava para o serviço e para a obediência política e religiosa ao Rei.

Antes de aprenderem latim, grego, hebreu, retórica, oratória, poesia, história e religião, os alunos devem aprender a ler em inglês. Por isto, o tratado que aborda a **petty-schoole** antecede os demais, que tratam do método para os estudos liberais.

³ Do trabalho de David Hamilton (1987) vem a “permissão” para se falar em “currículos” já no século XVI. O autor aponta que o termo “currículo” surgiu no léxico educacional europeu ainda no século XVI, como um instrumento sociológico de auxílio da política estatal (p. 18). Aponta, ainda, que nos livros sobre educação produzidos no século XVI já era possível detectar a relação estabelecida entre os currículos das escolas de gramática e a política do Estado (p. 20).

Partindo do pressuposto que após a *petty-schoole* a criança ingressará na escola de gramática, onde se exercitará na retórica e na oratória, Hoole propõe que desde a *petty-schoole* fossem trabalhadas as habilidades úteis para o exercício do *vir civilis*, como a pronúncia perfeita das palavras.

Hoole indica, nesse primeiro tratado: “como uma criança pode ser auxiliada na primeira pronúncia das palavras”; “como uma criança pode ser ensinada com leite a conhecer todas as suas letras em pouco tempo”; “como ensinar uma criança a falar distintamente”, e “como uma criança pode ser ensinada a ler qualquer livro em inglês, perfeitamente” (Cf. Hoole, 1913, pp. 1-23).

O autor faz referência aos espíritos tenros, que não devem ser iniciados no latim, exceto os que demonstrem aptidão para isto, pois os alunos da *petty-schoole* devem ter entre quatro e cinco anos de idade. Depois dos dois ou três anos em que devem permanecer na escola, passarão aos primeiros estudos do latim (Cf. Hoole, 1913, p. 23).

Embora o título do **segundo tratado** seja “Os deveres dos professores assistentes, ou a plataforma para ensinar a *Lily's Grammar*”, o aprendizado perfeito do latim não se baseia apenas no uso da *Lily's Latin Grammar*. Esse caráter não exclusivo da *Lily's* está indicado desde a lista dos autores a serem estudados da primeira à terceira série.

Segundo a exposição de Hoole nesse tratado, o aprendizado do latim se faz em três séries. No final dessas três séries, os alunos devem ler e escrever perfeitamente em inglês e latim.

Em primeiro lugar, aquelas crianças que chegam às escolas de gramática sem saber ler perfeitamente em inglês devem ser aperfeiçoadas, para que dêem continuidade ao seu aprendizado. Mais uma vez aparece, para Hoole, a relação entre o aprendizado do latim e do inglês.

A necessidade de bons professores de inglês nas localidades onde se estabelecem escolas de gramática é devido ao fato de que nem todas as crianças começam a aprender latim antes de ter uma boa leitura em inglês (Hoole, 1913, p. 1).

É a este fim que servem as indicações do capítulo um do segundo tratado:

Como ajudar as crianças que ainda têm leitura imperfeita em inglês ao chegar na escola de gramática; e como prepará-las mais facilmente para o início do latim (Hoole, 1913, p. 1).

Para “levar as crianças ao grau mais avançado, se elas fizeram progressos em gramática, e [para] trabalhar mais rapidamente no ensino do latim, com aqueles que estão nos anos da discipulação” (1913, p. 81), Hoole indica como aproveitar um simples ditado. Antes, dá uma lista das palavras que devem ser utilizadas. O tema do ditado é a conversa que Eva teria tido com a serpente no paraíso.

Serpens. Eva.

S. Cur vê-tu-it vos De-us ve-sci ex o-mni-bus ar-bo-ribus po-ma-ri-i? E. Li-cet no-bis vê-sci fru-cti-bus ar-bo-rum po-ma-ri-i; tan-tum De-us no-bis in-ter-dí-xit e-a ar-bo-re, quæ est in me-di-o po-ma-ri-o, ne vê-sce-re-mur fru-ctu e-jus, ne-ve e-ti-am at-tin-ge-re-mus, ni-si vel-le-mus mo-ri (...)

Agora se você lhe perguntar se escreveu Serpente, Eva, Besta, Deus *Nequaquam*, e *Ita* com letras grandes, e as outras palavras com letras pequenas; ele pode dizer a você (se ele aprender as regras) que nomes próprios, começando sentenças, e palavras mais importantes que outras, começam com letras grandes, e em outros lugares, letras pequenas são usadas. Se você perguntar a ele, porque se pronuncia *ve-tu-it* e não *vet-u-it*, ele lhe dirá, porque uma consoante entre duas vogais tem som continuado (Hoole, 1913, pp. 100-101).

No topo da hierarquia entre os professores, estabelecida em *A New Discovery*, estão os professores de grego, hebreu e das últimas lições de latim. Mesmo sendo os “mestres”, esses professores também necessitam de instruções para sua profissão. É para esses professores que Hoole elaborou o **terceiro tratado**.

De acordo com o terceiro tratado de *A New Discovery*, intitulado “O método dos mestres, ou exercitando os alunos nas gramáticas, autores e exercícios de grego, latim e hebreu”, é a partir da quarta série, quando têm doze anos, aproximadamente, que os alunos começam a se exercitar na arte da oratória e da retórica, continuam a se exercitar no inglês e no latim, e iniciam-se no grego e no hebreu ⁴.

Os fundamentos das artes da oratória e da retórica devem, porém, ter sido previamente aprendidos na *petty-schoole*, em que os alunos aprendem a pronúncia perfeita das palavras, indispensável para um “bom homem inglês”. O aprendizado do padrão perfeito do inglês e do latim, porta de acesso aos clássicos, deveria ser adquirido desde a primeira série, como indica o segundo tratado.

Com relação ao trabalho dos professores da quarta série em diante, assim como o trabalho dos professores da *petty-schoole* forneceria a base para o trabalho dos professores assistentes; o dos professores assistentes (*ushers*), por sua vez, deveria servir de plataforma para o trabalho dos “mestres” (professores de latim, grego, hebreu, retórica e oratória, responsáveis pelas quarta, quinta e sexta séries).

O trabalho dos assistentes guarda ainda aquela característica de base, de plataforma. Hoole concentrou os argumentos para os professores-assistentes ao tratar das bases para os estudos liberais. Postas as bases, os mestres podem trabalhar. Pode-se depreender disso que, embora sempre supervisionados pelo mestre, os assistentes deverão ser mais responsáveis pelo ensino dos fundamentos,

⁴ Grafton e Jardine (Cf. 1986, p. 122) apontam que o impacto direto do humanismo esteve em produzir um número crescente de pessoas fluentes nas línguas antigas, tanto para um “treinamento moral”, quanto para uma “preparação para a vida”.

devendo por isso, receber prescrições diretas. Para o ensino de grego, hebreu, retórica e oratória, para o qual Hoole elabora o terceiro tratado, os mestres é que são indicados. E serão esses mestres que, da quarta à sexta série, nortearão os assistentes em como auxiliá-los.

Hoole estabeleceu também uma seqüência graduada para o trabalho dos professores, ao integrar as disciplinas ministradas num currículo, no qual os grupos de alunos são cumulativamente preparados para aprenderem coisas novas, tendo firmado os “pré-requisitos”.

O que permite a integração do trabalho dos professores e dos assistentes é a obediência a princípios comuns que devem ser observados no exercício de suas funções. Princípios que, por sua vez, forneceram a base para as prescrições de Hoole.

1. É não só possível, como necessário, fazer com que as crianças entendam suas tarefas, para que se iniciem em seu aprendizado. Elas não devem ser sobrecarregadas, pois isto faz com que elas não confiem naqueles que estão dirigindo-as nas tarefas.
2. É necessário que os professores não desprezem o aprendizado que as crianças conquistam.
3. As coisas mais familiares e óbvias devem ser primeiro ensinadas, assim como as mais fáceis devem vir antes.
4. As frases e vocábulos mais fáceis e comuns devem ser ensinados juntos à gramática latina, acompanhados dos autores escolares que auxiliam em seu aprendizado.
5. Os alunos devem saber quais são e como usar cada regra, como aprenderam, desde que não sejam forçados a aprendê-las.
6. Os livros mais usados devem ser lidos, e podem, depois, ser ensinados na escola de gramática.
7. As crianças devem conhecer todas as matérias, e devem ser hábeis a escrever em um bom estilo, para demonstrar a imitação dos autores, ao fazer exercícios, antes de se porem a criar suas próprias frases.
8. É tirano um mestre que bate no aluno sem que haja uma causa que o aluno entenda. Ele deve saber o que fez de errado, e então, pode ser punido. Assim a punição terá mais efeito.
9. Alguns mestres-escolas jovens são mais rápidos para aprender a estrutura de um bom método, então, eles o aplicam nos exercícios escolares.
10. Nenhum homem é sempre correto com o método, por isso, outro professor deve observá-lo e ajudá-lo.
11. Muitos mestres que são excelentes, não têm paciência para acompanhar o esperar o desenvolvimento dos alunos, e para fazê-los passar dos rudimentos para os exercícios gramaticais. Outros, são bons com os rudimentos, mas não são aptos para fazer os alunos se desenvolverem nos exercícios mais avançados.
12. Em muitas escolas, apenas um professor arca com todo o peso de ensinar sozinho, sem a ajuda de um assistente.
13. Ninguém está apto a ensinar numa escola de gramática se não conhecer profundamente os melhores autores clássicos.

14. É o primeiro dever dos mestres-escolas instruir os alunos nos princípios da religião cristã, e fazê-los conhecer a Sagrada Escritura.
15. Muitos alunos das escolas de gramática não vão para a Universidade; e os pais não têm muita paciência para deixar seus filhos ficarem longos anos na escola. Isso é bom para o mestre que se empenha em fazer uso de método de ensino simples e rápido.
16. É muito necessário e desejado que alguns de nossos mais renomados mestres-escolas beneficiem os outros, publicando o método com o qual têm procedido para ensinar (...), o que fazem é muito favorável para o bem da Igreja e da Comunidade... (Hoole, 1913, p. 306-308).

Mas, assim como os professores da *petty-schoole* e os professores-assistentes, os mestres também necessitam de um método para ensinar. Hoole instruiu os mestres, por exemplo, a respeito de:

Como fazer os alunos da quarta série serem perfeitos na arte da gramática e nos elementos da retórica. Como iniciá-los no grego com facilidade. Como exercitá-los (lendo Terêncio, Ovídio, Sturm, *Metamorfoses*, *Janua Latinæ Linguæ* e *Epístolas*) com a cópia das palavras e leitura de suas derivações e diferenças, e na variação de suas frases. Como mostrar a eles a forma correta da dupla tradução, e como escrever no mais puro estilo latino. Como exercitá-los em todo tipo de versos em inglês e latim, e torná-los aptos a escrever fácil, e elegantemente, epístolas em inglês ou latim, para todas as ocasiões (Hoole, 1913, p. 129).

Ao prescrever um programa de estudos para a escola de gramática, no qual as disciplinas, independentemente de seu grau de aprofundamento, são mantidas pelas diversas séries, Hoole demonstra entender que o uso continuado, ou o exercício constante, permite a mais perfeita memorização, e assim, a habilidade com as línguas, de acordo com o padrão almejado. Servidores fiéis e úteis não deveriam apenas ser formados nas letras e nas artes, afirma Hoole, mas também para a obediência. Assim como elaborou prescrições para os professores formarem os alunos nos estudos liberais, Hoole também lhes indicou, no **quarto tratado**, “A disciplina escolar ou o modo de organizar uma escola de gramática, orientando os inexperientes para dirigir todos os alunos sem confusão”, como incutir nesses alunos o princípio de autoridade que gera a obediência, fundamental para a disciplina escolar e social.

Ao estabelecer as bases da obediência necessária para a manutenção da ordem social, *A New Discovery* configura o professor, não apenas como responsável pela disciplina escolar, mas também como agente da disciplina social: “A autoridade é a verdadeira mãe da devida ordem, que o mestre deve cuidar em todas as coisas para manter...” (Hoole, 1913, p. 233).

Para manter “a autoridade perante seus alunos” (Hoole, 1913, p. 233), o professor deve obedecer a alguns requisitos:

1. Ele deve ser correto em todas as coisas, e comportar-se como o mestre de si mesmo, não apenas ao refrear aquelas enormes e escandalosas faltas que

todos vêem, mas também suas pequenas paixões, principalmente, a cólera... Ele deve empenhar-se, verdadeiramente, para manter-se inalterável em todas as conversas como um cristão, ainda mais entre seus alunos, que têm no professor um exemplo a ser imitado...

2. Quando determinar que algo deve ser feito, deve explicar para os alunos a que fim se presta aquela atividade, para que entendam seus benefícios e inconvenientes...

3. A principal forma para fazer os alunos amarem e respeitarem seu professor é mostrar-se compassivo com eles, não puni-los por todos os erros, mas sim fechar um olho para os deslizos, que devem, depois, ser expostos em particular...

4. Mas nada produz tão bons resultados na boa natureza das crianças do que os encorajamentos e elogios constantes por seus bons feitos...

5. Em alguns lugares os professores podem ser muito severos para corrigir e repreender seus alunos (...), [mas] o que um professor deve fazer é manter-se calmo em suas admoestações aos alunos... (Hoole, 1913, pp.234- 237).

Conclusão

A inovação metodológica, proposta por Holle em *A New Discovery* foi um instrumento para a aquisição da consciência lingüística, fundamental para a formação do perfeito cidadão - súdito fiel e obediente, que exerce suas funções em benefício da Igreja e da Comunidade. O “método e a ordem” elaborados por Hoole tinham como fim ensinar a construir, analisar, escrever e falar elegantemente, demonstrando um aprendizado perfeito das línguas e o domínio das artes liberais.

A obra é resultado da reflexão sistemática de Hoole ao longo de sua experiência como professor e reitor de colégios. Começou a ser elaborada quando Hoole atuou no *Thomas Rotterdam College*. Recebeu modificações ao longo dos anos, até ser finalmente publicada em 1660 (Cf. Cagnolati, 2002, p. 36, e Hoole, 1913, p. i).

Pode-se afirmar, ainda, que o pensamento comeniano quanto a base didática para o ensino das línguas contribuiu para as proposições feitas por Hoole em *A New Discovery*. Entre os principais pontos podem ser citados: 1. O aprendizado do vernáculo junto ao do latim, e não do latim separada e primeiramente; 2. Fortalecimento do vernáculo; 3. O ensino das línguas partindo não da classificação gramatical, mas do estudo das palavras, considerando sua relação com os objetos sensíveis disponíveis às crianças e considerando aquelas palavras que as crianças conhecem e dominam; 4. Aproveitamento e otimização do tempo de aprendizado; 5. Aprendizado correto e eficaz, possibilitando progressão nos estudos e desempenho das funções sociais necessárias.

Referências bibliográficas

- BIOTO, Patrícia Ap. *O Professor-Pastor e o Padre-Professor nos tratados pedagógicos dos séculos XVI e XVII e na experiência docente do Thomas Paltter*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006 (Tese de doutoramento);
- CAGNOLATI, Antonela. La diffusione delle proposte comeniane per l'insegnamento delle lingue nell'Inghilterra della Restaurazione. *Quaderni del CIRSIL*, Università di Ferrara, 2002, nº 1, pp. 25-39;
- COLLINS, Randal. *The Sociology of Philosophies. A global theory of intellectual change*. Cambridge, Massachusetts and London, England: Harvard University Press, 1998;
- COMENIO, Juan Amós. *El mundo en Imágenes*. México: Miguel Angel Porrua, Grupo Editorial, 1994, pp. 63-65;
- DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Vol. I e II. Tradução: Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. (Nova História, 17 e 18);
- GRAFTON, Anthony & JARDINE, Lisa. *From humanism to the humanities*. Cambridge: Harvard University Press, 1986;
- HAMILTON, David. The Pedagogical Juggernaut. *British Journal of Educational Studies*, vol. 35, 1987, nº 1, pp. 18-29;
- HOOLE, Charles. *A New Discovery of the old art of the Teaching Schoole, in four small treatises*. Liverpool: The University Press, 1913;
- KANTOROWICZ, ERNEST H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998;
- LORA, Maria Ester Aguirre. La apropiación del mundo: um lugar de encuentro entre el saber, la imagen y la palabra. In: COMENIO, Juan Amós. *El mundo en Imágenes*. México: Miguel Angel Porrua, Grupo Editorial, 1994, pp. 10-45;
- SKINNER, Quentin. *Razão e retórica na filosofia de Hobbes*. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999,
- VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. Tradução: Carlota Boto. Bauru: EDUSC, 1999.